

ARQUIVOS E MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA: DOCUMENTOS PARA A BIOGRAFIA DE UM MODERNISTA

Vanda Arantes do Vale¹

RESUMO

O texto busca destacar a importância e as características dos arquivos e das Memórias do médico e literato Pedro Nava (1903-1984) como documentos para a escrita de sua biografia. Apresenta aspectos gerais dos arquivos do memorialista que se encontram no Arquivo-Museu da Literatura Brasileira – Fundação Casa de Rui Barbosa e identifica momentos relevantes nos seis livros de Memórias. Destaca a importância, dessa documentação para os que estudam as questões que envolvem as relações da Saúde na sociedade brasileira no período de 1890 a 1940.

Palavras-chave: Arquivos. Memórias. Pedro Nava.

Pedro Nava's files and memories: documents to the biography of a modernist

ABSTRACT

This text searches to highlight the importance and characteristics of the files and memories of the doctor and writer Pedro Nava (1903-1984) as documents to his biography writing. It presents memorialist files general aspects that are found in the Brazilian Literature File-Museum – Rui Barbosa House Foundation and identifies relevant moments in his six memories books. It also highlights the importance of this documentation to who studies about questions that involve Health relations in Brazilian society in the 1890/1940 period.

Keywords: Files. Memories. Pedro Nava.

¹ Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). vandaval@artnet.com.br

Mas tenho a sensação de que inconscientemente já devia ter a ideia há mais tempo. Mesmo para mim, meu trabalho, quando relido, dá a impressão de uma preparação muito maior. E de fato, há trinta ou quarenta anos eu guardo coisas e sou um incansável guardador de papéis.

Veja – Que documentos tinha guardado?

Nava – Todos os documentos de família. Inventários, testamentos, livros, despesas, cartas, fotos, livros de lembranças, um negócio que se chamava antigamente “Miscelânea”, onde as pessoas iam colando tudo o que achavam curioso. Formei um arquivo bem grande.

Veja – A medicina lhe deu grandes prazeres? Teria, por si só, preenchido sua vida?

Nava – Teria preenchido e preencheu muito bem. Por outro lado, minha obra literária não deixa de ser obra de médico. Quem olhar com atenção, perceberá o médico em cada página, a experiência dele na apreciação do ser humano (NAVA, 1974, p. 6).

A transcrição de um fragmento da entrevista concedida por Nava à revista **Veja**, em 17 de abril de 1974, contém dois elementos cruciais em nossas pesquisas sobre o memorialista: a importância de seus arquivos para quem estuda a obra de Pedro Nava e a marcante “escrita de médico”. Nossos estudos têm buscado identificar a obra naveana como documentos para as questões que envolvem a saúde e a sociedade brasileira no período de 1890-1940. Neste texto, buscamos apresentar uma biografia do autor, aspecto fundamental ao entendimento de seus escritos. Para tal intento, as fontes serão as memórias (seis volumes) e documentos diversos de seus arquivos (PN), que se encontram no Arquivo do Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Nos próximos parágrafos, apresentaremos aspectos gerais dos documentos mencionados que fundamentam a elaboração da biografia.

O contato com os arquivos de Pedro Nava coloca-nos diante de uma espantosa miscelânea. Como Nava mencionou na entrevista referida, na leitura de sua obra literária estão presentes os indícios do longo preparo da mesma. Percebemos, nos arquivos, os elementos preparadores das memórias: meticulosidade na descrição de espaços e pessoas, amplitão e diversidade de temas. Em 2001, foi publicado o inventário dos arquivos de Pedro Nava

em alentado volume de 421 páginas. Segundo Eliane Vasconcellos (2001), organizadora do volume:

O arquivo contém 6.110 documentos e cobre um período que vai de 30 de junho de 1836 – uma carta, da série Correspondência de Terceiros, de João Álvares Portugal para Fernando Halfeld, que trata de problemas nas medidas de uma sesmaria – até 2 de novembro de 1993 – uma carta, da série Documentos Complementares, de Ana Jaguaribe da Silva Nava, irmã de PN, para Antonieta Nava, em que a signatária faz comentários sobre o nome de Maria Euquéria, citado em Baú de ossos.

Na entrevista concedida a José Mariano Filho, em longa resposta à pergunta “Quando o senhor decidiu escrever suas memórias”, Nava afirmou: “[...] Sou filho de um tempo em que se guardavam cartas. A minha família preparou terreno para mim. As tias paternas cearenses anotavam tudo” (PN 024).² Destacamos, para a construção da biografia, três documentos que atendem à proposta da escrita deste texto. Escolhemos duas entrevistas: a primeira é a fala do jovem Pedro Nava, aluno do Colégio Pedro II, bacharelando-se em 1920 (PN 422), e a segunda, ocorrida em 1977, que tem como tema a assinatura do “Manifesto dos Mineiros”, em 1933 (PN 1153). O terceiro documento em destaque é uma carta escrita por Ema Accioly Ribeiro sobre o terceiro volume das memórias – **Chão de ferro** –, lançado em 1976 (PN 015).

O primeiro documento é um questionário, prática de escrita bastante comum entre jovens, até meados do século XX. Normalmente, um jovem, no caso Carlos Paiva Gonçalves, organizava um caderno com perguntas a serem respondidas por colegas ou amigos. Em 2 de setembro de 1920, Pedro Nava respondeu:

1- És pessimista ou otimista?

R. Pessimista!!!

2- Por que o és?

R. Porque o mundo é mau e a humanidade incomparavelmente pior (Schopenhauer).

² O código remete ao **Inventário do arquivo Pedro Nava**, publicado pela Fundação Casa de Rui Barbosa

3- Qual é o teu ideal?

R. Atingir ao supremo cinismo, a mais requintada frieza, a mais revoltante indiferença. para poder, assim, ter a força de espírito necessária ao bem viver, bem adulterar a mulher do próximo para explorar o próximo, sempre o próximo, defraudar o mundo, para ser perfeito, completo, inteiro... pessimista.

4- Que pensas da vida?

R. A vida é como um anfiteatro anatômico: aí estudamos as chagas sempre abertas, vemos a podridão, o mal, o horror, o cancro, e, pior de tudo, a "hipocrisia do otimismo", tudo num montão de lama – a sociedade.

5- Que pensas da morte?

R. A morte é a cessação completa da força de coesão que une as moléculas do nosso corpo; é o relâmpago que separa o orgânico do inorgânico, é a suprema felicidade.

6- Que carreira pretendes seguir?

R. A medicina.

7- Por que a escolheste?

R. Porque é a que me oferece mais encantos, porque, por intermédio dela, estudarei este emaranhado de vasos, esta reunião de músculos, esta teia de nervos, que compõem este monte de elementos apodrecidos, que forma o homem.

8- Namora com que fim?

R. Com os piores.

9- Pretende se casar?

R. Por ora não; casar-me-ei se encontrar a mulher perfeita, o que é impossível. Portanto...

10- Por quê?

R. Não quero ser apontado pela sociedade, e chamado com desprezo: o "Próximo".

11- Em que situação te suicidarias?

R. Em nenhuma.

12- Que juízo fazes de um apaixonado?

R. O de um louco.

13- Que pensas do amor?

R. É o fingimento, a hipocrisia, o manto que encobre a luxúria, e a bestialidade dos sentidos;

14- Qual o caminho mais curto para a loucura?

R. Indubitavelmente, um amor platônico (PN 422).

Na primeira resposta, evidencia-se um aspecto marcante da obra naveana, o pessimismo. Acrescentaríamos a esse o sentimento de solidão, afirmado pelo memorialista, que viveu frequentes crises depressivas, as quais se fizeram presentes nas memórias: “A solidão em mim é permanente. Eu sou muito reservado. Sempre fui um homem muito só” (Status, PNDv 53). Destacamos, pela dramaticidade, os episódios que envolveram o relacionamento do memorialista com a jovem Lenora, o suicídio desta e o desespero do autor. O episódio, que ocorreu em Belo Horizonte com o jovem médico, em 1930, levou-o a deixar a cidade, pois só havia, segundo o próprio Nava, “dois caminhos que Belo Horizonte lhe mostrava: atravessar também o peito com uma bala ou escolher do álcool a ação de bala em câmara lenta e transformar-se num bêbado” (NAVA, 1983, p. 101). A transcrição apresentada trata de um tema recorrente na obra de Nava, ou seja, a possibilidade do suicídio. A comparação da vida com um anfiteatro anatômico, encontrada na resposta 4 da entrevista, é encontrada na escrita de Nava, apaixonado pelos estudos de anatomia; e sua escrita pode ser comparada a de um anatomista ao dissecar a sociedade brasileira e expor suas entranhas.

As perguntas 8, 9 e 10 referem-se a namoros e a um futuro casamento. Nas memórias, estes temas reaparecem na forma de desencontros amorosos e dificuldades com os relacionamentos afetivos. As relações com prostitutas são descritas com minúcias, remetendo à influência do Realismo em sua obra. Referente ao relacionamento com a jovem Lenora, mencionado anteriormente, Nava relata seu sofrimento:

Errou como um sonâmbulo, deitou, não pôde dormir, levantou e foi fumar à janela tomado de glória mas ao mesmo tempo sentindo nascer um sofrimento que aumentaria cada dia daquele amor que não podia ser possível. Era demais, ouro demais despejado cornucópia afora. Era uma espécie de ressurreição, de compensação e vingança. Nessa dúvida, repassando seus amores falhados, ele pilhou-se banhado em lágrimas, de madrugada (NAVA, 1983, p. 74).

O jovem estudante do Colégio Pedro II afirmou, na resposta à pergunta 11, que, em nenhuma situação, se suicidaria. Contudo, o suicídio aconteceu em 1984. Nessa ocasião, surgiram rumores de que o acontecido teria ligações com uma relação homossexual mantida pelo escritor. A imprensa divulgou o fato, mas não falou sobre as causas do mesmo. Em 2005, foi publicado o livro de memórias – **Minha história dos outros** – de autoria do jornalista Zuenir Ventura, que escreveu sobre fatos marcantes ocorridos no exercício de sua profissão. Em “O suicídio mal contado” são descritos fatos relacionados com a morte de Pedro Nava (VENTURA, 2005 p. 163-165). Eles esclarecem que o suicídio do memorialista foi causado pela pressão que o mesmo vinha sofrendo de um jovem homossexual com quem mantinha relações. Este teria ameaçado Nava, afirmando que iria entregar para a imprensa uma fotografia de ambos. Após receber um telefonema, Nava saiu de casa, assentou-se em um banco de jardim público e deu um tiro no ouvido. Intelectuais ligados ao memorialista pediram para que a imprensa não publicasse as razões da morte do autor, tendo sido atendidos.

No campo das relações sociais e políticas de Nava, destacamos uma entrevista concedida por Nava à jornalista Lúcia Hippolito e ao advogado Edgar Flexa Ribeiro – em que o memorialista comenta sobre sua assinatura no “Manifesto dos Mineiros” –, por considerá-lo documento revelador na conformação de sua biografia. Nava falou de suas relações com o governo Vargas (1930-1945) e com a família Mello Franco:

LH – O que o levou a assinar esse Manifesto?

PN – Minha amizade por Virgílio, a admiração que eu tinha pela figura dele como líder e, principalmente, minha oposição ao governo Getúlio Vargas.

LH – Como é que o senhor, um médico, apolítico, não ligado a nenhuma filiação partidária, via o governo de Getúlio Vargas?

PN – Como uma ditadura e isso era uma coisa que me repugnava, de qualquer maneira. Apesar de apolítico, de não ser político, de nunca ter sido, de ter até um certo tédio pela política, eu tenho uma formação e um espírito democráticos. Não podia ver a espécie de traição à Revolução, que foi feita por Getúlio Vargas. Eu fui um grande partidário dele e me bati extremamente a favor da Revolução de 1930. Naquele tempo, talvez eu o julgasse até um político e minha vocação apolítica, talvez, tenha nascido da reviravolta feita pelo próprio Getúlio.

LH – Essa reviravolta ficou muito clara para todos?

PN – Na época, ficou extremamente clara. O que havia era a promessa de uma regeneração muito grande dos nossos costumes políticos e, de repente, nós nos vimos atolados dentro de uma ditadura, numa situação de não ter a quem chamar.

LH – Sua amizade com Virgílio de Mello Franco vinha do fato de serem mineiros ou era, já, cultivo de uma outra forma?

PN – O emprego que tenho – do qual estou aposentado – na Prefeitura do Distrito Federal, me foi dado por intermédio do Virgílio. Essas razões levaram-me a uma situação de gratidão, de apreço por ele, a quem eu não podia recusar coisa nenhuma, inclusive – aí era o sapo que estava pedindo para ser jogado na água – eu estava querendo fazer alguma coisa contra o governo, ele me chamou para isso, eu não podia recusar e aceitei gostosamente (PN 1153).

Tornou-se conhecida como “Manifesto dos Mineiros” uma carta aberta assinada por representativos nomes da intelectualidade liberal de Minas Gerais, em defesa da redemocratização do país e fim da ditadura do Estado Novo, comandada pelo presidente Getúlio Vargas. O documento divulgado em 1943 teve, entre seus 92 signatários, nomes de destaque que apoiaram Vargas e, posteriormente, fizeram-lhe oposição, entre eles: Virgílio de Melo Franco, Pedro Aleixo, Pedro Nava, Milton Campos, Artur Bernardes, Afonso Arinos de Melo Franco, Adauto Lúcio Cardoso, Galba Moss Veloso, Adolfo Bergamini, Afonso Pena Jr., Alaor Prata, Bilac Pinto, Daniel de Carvalho, José de Magalhães Pinto, Mário Brant e Odilon Braga.

A importância do Manifesto decorreu do fato de ter sido a primeira manifestação aberta contra a ditadura de Vargas, assinada por indivíduos pertencentes a famílias de grande tradição social e política em Minas Gerais. Circulou clandestinamente e, quando de sua publicação em jornal, resultou em prisões, demissões de cargos públicos e todo tipo de perseguição contra seus signatários, entre eles Pedro Nava, aposentado pelo artigo 177 de seu emprego na Secretaria da Saúde, cargo mencionado na entrevista. Sobre esse Manifesto, Franklin Martins assim se expressa:

O “Manifesto dos mineiros”, divulgado em 24 de outubro de 1943, representa uma virada na luta contra a ditadura de Vargas, que, até então, estivera praticamente entregue à oposição de esquerda.

Trata-se da primeira nítida manifestação das elites – no caso, as de Minas Gerais – contra o Estado Novo, sinalizando a abertura de um novo momento na luta política, que se concluiria dois anos depois com a deposição de Vargas. O texto, cuja redação final é de Afonso Arinos de Mello Franco, em cima de versões anteriores preparadas por Odilon Braga, Virgílio de Melo Franco e Dario de Almeida Magalhães, é relativamente moderado. Não chega sequer a propor o fim do regime. Mas, mesmo assim, teve enorme impacto. Mais importante do que o conteúdo, foi o gesto: a fina flor da elite política mineira afrontava a ditadura de Vargas. O Palácio do Catete reagiu imediatamente: os signatários que ocupavam cargos públicos foram demitidos; os que trabalhavam na iniciativa privada foram perseguidos e muitos deles perderam os empregos. Tanta gente foi para a rua em Minas que Milton Campos, um dos cabeças da articulação que produziu o documento, dizia em tom de blague: “O Manifesto, feito para criar onda, acabou criando vagas”. A maioria dos signatários do “Manifesto dos Mineiros” participou da fundação, um ano e meio depois, da União Democrática Nacional, a UDN, que jogaria um importante papel na derrubada de Vargas.³

A escolha desse documento deve-se à importância das relações de Nava com a elite mineira para a sua trajetória profissional. Os fatos que envolveram a assinatura de intelectuais contra a ditadura de Vargas no Manifesto foram reconstituídos nas memórias. A participação de um grupo de intelectuais mineiros no governo Vargas (1930-1945) foi relevante; além disso, esses jovens, em sua maioria, foram companheiros do memorialista nas atividades modernistas em Belo Horizonte. Podemos perceber isso no trecho abaixo:

Só ele e eu? Não. Era enorme o grupo a que o Carlos me apresentou. Era composto do próprio poeta, de dois moços da casa da Madame – Francisco Martins de Almeida e Hamilton de Paula e mais de Aogar Renault, João Guimarães Alves, Heitor Augusto de Sousa, João Pinheiro Filho, dos irmãos Alberto e Mário Álvares da Silva Campos, de Emílio Moura, Mário Casassanta, Gustavo Capanema, Gabriel de Rezende Passos, João Alphonsus Guimarães e Milton Campos. O tempo traria ainda para nossa convivência Dario Magalhães, Guilhermino César, Ciro dos Anjos, Luís Camilo e Ascânio Lopes. Escrevendo o nome desses amigos

³ Disponível em: <http://www.franklinmartins.com.br/estacao_historia>. Acesso em: 10 abr. 2011.

de mocidade e vendo o que eles foram depois – não posso deixar de dizer do orgulho de ter pertencido a grupo tão ilustre. Dele sairia, já nos anos vinte, a contribuição mais importante de Minas para o Movimento Modernista. Tínhamos o hábito de nos reunir na Livraria Alves e principalmente no Café e Confeitaria Estrela. Daí, além do pejorativo futuristas que nos davam os infensos, a designação de Grupo do Estrela – como nos chamavam os indiferentes. Mas tudo isto é uma longa história... (NAVA, 1979, p. 91-92, [grifos do autor]).

Os nomes transcritos foram presentes, na sociedade brasileira, até o final da década de 1960. O memorialista teve contato próximo com os mesmos, constantes em indicações para se conseguir empregos e cargos de confiança.

O terceiro documento refere-se a uma carta enviada pela filha do professor de história do Colégio Pedro II, João Ribeiro, e lembrado por Nava em **Chão de ferro**: memórias 3. Segundo a signatária:

Estou lendo suas memórias 3^ª – Chão de Ferro. Levada pela crítica de Antônio Carlos Villaça, senti o desejo de ler sua opinião sobre o meu querido pai, Mestre João Ribeiro. Estou sob o efeito de um encantamento. Foi como se eu reencontrasse os meus anos de adolescência. Tudo o que o senhor escreveu traduz, ou melhor, pintou a figura daquele que é meu ídolo maior. Seu retrato foi perfeito; é todo o João Ribeiro, Mestre de três gerações e sempre querido pelos que conviveram com ele e àqueles que o acompanharam pela vida. Não quero me derramar num sentimentalismo que, o Senhor como médico compreenderia melhor do que eu. Só me resta dizer um muito obrigada.

Emma Ribeiro Accioly (PN 015).

A reconstituição de João Ribeiro feita por Nava, mencionada por sua filha, ocupa numerosas páginas de **Chão de ferro** e são exemplares sobre a concepção positivista de história, que perpassou o ensino dessa disciplina. A mesma concepção norteou as concepções de Nava sobre a medicina. A carta de Emma Ribeiro Accioly é uma amostra das muitas que foram remetidas ao autor por parentes ou pessoas mencionadas nas memórias. Dividem-se entre as que agradecem, como as de Emma, e outras de protestos e indignação.

Os documentos anteriormente mencionados, pertencentes ao Arquivo

Pedro Nava, são como setas apontadas em direção ao que serão as memórias. Livros lançados entre 1972 a 1983, **Baú de ossos**: memórias (1972); **Balão cativo**: memórias 2 (1973); **Chão de ferro**: memórias 3 (1976); **Beira-mar**: memórias 4 (1978); **Galo das trevas**: memórias 5 (1982) e **O círio perfeito**: memórias 6 (1983).

Os escritos literários de Pedro Nava são testemunho e depoimento sobre diversas questões que se fizeram presentes na sociedade brasileira no período de 1870-1940. **Baú de ossos**, **Balão cativo** e **Chão de ferro** estão inseridos no momento que, mundialmente, ficou conhecido como *Belle Époque*. Segundo Nava (1972, p. 208): “E aqui? Também tivemos a nossa *belle époque*, por sinal que feia como sete dias de chuva. Começou com a República”. Este é o ponto de vista de um modernista: Pedro Nava foi de uma geração que, nas décadas de 1920, lutou para a criação de um novo Brasil que seria oposto a esse período. Os temas tratados em **Beira-mar**, **Galo das trevas** e **O círio perfeito** referem-se às discussões da década de 1920, às questões da deflagração da Revolução de 1930, à adesão de grupos de modernistas ao governo e à decepção com os acontecimentos presentes no Estado Novo (1937-1945).

As memórias foram escritas no período de 1969 a 1983. Caracteriza-se de pós-moderno este período da escrita memorialística, cuja visibilidade é mais perceptível após a década de 1970, pelo questionamento e esgotamento das propostas do modernismo (1900-1950) e sua crescente revisão. Contudo, as questões e os aspectos pós-modernos encontram-se embrionários desde o pós-Segunda Guerra Mundial. Os textos de Nava marcaram o memorialismo brasileiro, um gênero literário que, anteriormente considerado menor, começou a ter maior receptividade na década de 1970. Huysen (2000, p. 6), em **Seduzidos pela memória**, considera o apreço pela escrita e a leitura de biografias e memórias como marcas do pós-moderno. Identifica a proliferação desse tipo de literatura com os acontecimentos que marcaram o ocidente após a década de 1970. O autor destaca como marcos políticos o ocaso das literaturas latino-americanas, nos anos de 1980, e a queda do muro de Berlim, em 1989. Ainda de acordo com as considerações de Huysen, o pós-modernismo não acredita em utopias e no futuro. Por não acreditar no futuro, volta-se para o passado. E isso é simbolizado pela explosão de publicações de biografias e memórias.

A obra memorialística naveana apresenta aspectos multifacetados da sociedade brasileira. Nava foi testemunha e ator de uma geração que esteve atuante nas décadas de 1930 a 1970 – período em que o país se urbanizou e em que foram discutidos modelos de construção de uma nova nacionalidade. Nava pertenceu a um grupo que esteve ligado às questões do momento. Elaboramos sua biografia, partindo da documentação e, em grande parte, consultando as memórias, como mencionado anteriormente. Ao apresentarmos a cronologia biográfica de Nava, vale lembrar que as datas são consideradas como pontas de icebergs, marcos visíveis que indicam a existência de massas submersas. As memórias são as massas submersas na cronologia biográfica de Nava.

As experiências pessoais do autor aparecem no primeiro volume e vão até 1937, em **O círio perfeito**: memórias 6. Nava escrevia os capítulos iniciais do sétimo volume de suas memórias – **Cera das almas** –, quando de seu suicídio, aos 81 anos. Portanto, as informações biográficas contidas nas memórias terminam quando o autor tinha 34 anos. As informações posteriores foram organizadas a partir de consulta a seu arquivo.

Pedro da Silva Nava nasceu em 1903, na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Era filho do médico cearense José Nava e de Diva Jaguaribe Nava. Em 1908, a família transferiu-se para o Rio de Janeiro, então capital federal, onde José Nava (1876-1911) foi admitido no serviço público como médico legista e sanitarista. Ele morreu em decorrência de doença contraída no exercício médico em 1911. A mãe, viúva, com quatro filhos menores (Pedro era o mais velho), grávida da quinta filha que nasceria dias depois, voltou para Juiz de Fora. A família passou a residir na casa da avó materna, e, com a morte desta, mudou-se para Belo Horizonte em 1913. Nos anos de 1913-1914, Nava estudou no Colégio Anglo-Mineiro, na capital do Estado de Minas Gerais. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou e concluiu o curso secundário (1916-1920) no Colégio Pedro II. Retornou a Belo Horizonte, onde cursou medicina (1921-1927) e, para custear os estudos, empregou-se no serviço público – Diretoria da Higiene do Estado – no período de 1921-1926.

Como médico e funcionário da saúde pública do Estado de Minas Gerais (1928-1930), trabalhou em Belo Horizonte e Juiz de Fora. Atuou como médico em Monte Aprazível, cidade do interior do Estado de São Paulo (1931-

1933), mudando-se, em 1933, para o Rio de Janeiro, onde residiu até sua morte. Foi médico do serviço público, professor universitário e, na década de 1940, foi pioneiro na especialidade de reumatologia. Em 1943, assinou o “Manifesto dos Mineiros”, o que significou a demissão dos cargos públicos para os 92 signatários, episódio mencionado anteriormente. Foi aposentado de suas atividades no Serviço Público pelo art. 177 e reintegrado em 1946. Em 1949, foi membro fundador da Sociedade Brasileira de Reumatologia. Escreveu aproximadamente 350 artigos sobre questões pertinentes à medicina, apresentados em Congressos Médicos ou publicados em revistas científicas. Aposentando-se em 1969, começou a redigir suas Memórias no mesmo ano, sendo o primeiro livro – **Baú de ossos: memórias** – publicado em 1972.

Quando adolescente, no Colégio Pedro II, colaborou na publicação estudantil **A Tocha**, fazendo ilustrações para a revista. Em 1921, ilustrou, em Belo Horizonte, **Folhas que caem**, livro de poesias de Batista Santiago. Participou do Movimento Modernista em sua vertente mineira, convivendo com intelectuais que tiveram atuação marcante na vida brasileira do século XX. Em 1922, com Carlos Drummond de Andrade e outros, fundou **A Revista**, publicação difusora das propostas da década que foi palco do nascimento de correntes de pensamento e ideias norteadoras do Brasil no século XX.

Ilustrou, em 1926, o livro de Austen Amaro – **Juiz de Fora** – e, em 1928, ilustrou a cores o exemplar da primeira edição de **Macunaíma**, de Mário de Andrade, com quem manteve, por longos anos, correspondência e laços de amizade. Em 1937, ilustrou **Roteiro lírico de Ouro Preto**, autoria de Afonso Arinos de Melo Franco. Em 1938, publicou o poema “O defunto”, que, em 1946, apareceu na **Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos**, organizada por Manuel Bandeira. Ainda atuando como médico, publicou, em 1947, **Território de Epidauro** e **Capítulos da história da medicina**, em 1949.

Em 1972, foi lançado o livro **Baú de ossos: memórias**. O autor se apresenta no primeiro parágrafo do seguinte modo: “EU SOU um pobre homem do Caminho Novo” e termina o parágrafo com as frases: “E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio. A da Rua Espírito Santo e do Alto dos Passos (NAVA, 1972, p. 13). A Avenida Rio Branco, em Juiz de

Fora, na direção do bairro Mariano Procópio, aponta para as regiões auríferas e Belo Horizonte, sendo que o Alto dos Passos teria uma seta apontando para a direção do Rio de Janeiro. Esse espaço geográfico foi o palco da vida de Pedro Nava. Segundo Carlos Drummond de Andrade, em texto denominado “Baú de surpresa”, que antecede o início do livro, afirmou:

PEDRO NAVA surpreende, assusta, diverte, comove, embala, inebria, fascina o leitor, com suas memórias da infância, a que deu o título de Baú de Ossos. Seus guardados nada têm de fúnebre. Do baú salta a multidão antiga de vivos, pois este médico tem o dom estético de, pela escrita, ressuscitar os mortos.

E não só eles, mas também o espaço e o tempo em que suas vidas se situaram são restituídos por um criador poderoso, que se vale da memória como serva da arte. Pessoas, lugares, dias, fatos e objetos começam a delinear-se, a desvendar-nos sua fisionomia e correlação, sua profunda unidade cultural e humana, em torno de um menino que tem dimensão normal de menino, e não a de monstro incumbido de fazer menção de tudo. Dois passados se justapõem e formam um tecido contínuo com o presente do narrador: o seu próprio passado de criança, e o de seus ascendentes, que vem desaguar no dele, impregnando-o de memórias, de pré ou pós-vivências concentradas num ser profundamente integrado no complexo familiar. (Integração que não estorva o senso crítico de um analista ao mesmo tempo carinhoso e acerbo – acima de tudo, perspicaz.)

Então, a crônica individual de Pedro Nava se converte em panorama social de várias regiões brasileiras, pois o itinerário do sangue o faz remontar a raízes de clã no Nordeste, e deter-se em terra carioca, antes de aflorar em Minas como produto do entrelaçamento de famílias que são forças em movimentos no Brasil do século 19.⁴

Drummond sintetiza a obra naveana no texto. Ao destacar “o espaço e o tempo em que suas vidas se situaram [...]” e “[...] a crônica individual de Pedro Nava se converte em panorama social de várias regiões brasileiras [...]”, o poeta corrobora as observações de Halbwacs (2006), em **A memória coletiva**. Na afirmativa de ambos, está o entendimento de que o indivíduo, ao falar de si, fala de seu grupo e de seu tempo. O livro **Baú de ossos: memórias** divide-se em quatro capítulos: Capítulo I – “Setentrião”; Capítulo

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. Baú de surpresas. In: NAVA, Pedro. **Baú de ossos: memórias**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 6.

II – “Caminho Novo”; Capítulo III – “Paraibuna” e Capítulo IV – “Rio Comprido”.

No Capítulo I – “Setentrião” – Nava, em 89 páginas, reconstituiu a trajetória da família paterna no Maranhão, Fortaleza, Bahia e Rio de Janeiro. O texto é perpassado por questões que envolvem disputas políticas e as transformações socioeconômicas que estiveram presentes, nesses locais, ao longo do Império e na primeira década republicana. Destacam-se as atividades de familiares de Nava na vida intelectual de Fortaleza, em processo de urbanização, e a formação de seu pai, José Nava. Em 14 páginas, o memorialista apresenta a participação de seus familiares no movimento cultural que ficou conhecido como Padaria Espiritual. Nava, ao falar de seu procedimento, na reconstituição da trajetória de seus familiares paternos, leva o leitor a correlacionar tal atitude à organização de seus arquivos e a estudos de anatomia. Segundo Nava (1972, p. 41):

Para recompor os quadros de minha família paterna tenho o que ouvi de minha avó, de meus tios-avós Itrício e Marout, das irmãs de meu Pai, de algumas primas mais velhas. Uns retratos. Um folheto de receita de meu primo Carlos Feijó da Costa Ribeiro com genealogias registradas por ele. Cartas. Cadernos de datas de meu avô Pedro da Silva Nava e de meu tio Antônio Salles. Notas diárias da mulher deste, Alice. Daí tenho de partir como Cuvier do dente e o ceramista do caco.

No Capítulo II – “Caminho Novo” – Nava, em 84 páginas, faz a reconstituição da trajetória da família materna – da avó, oriunda do centro mineiro, e do avô, com origens no Ceará, além dos deslocamentos desses grupos para Juiz de Fora. Nava, nos dois últimos parágrafos, deixou observações sobre seu interesse em reconstituir a trajetória da família, em síntese:

Suprimindo a vaidade, o que procuro na genealogia, como biologista, são minhas razões de ser animais, reflexas, instintivas, genéticas, inevitáveis. Gosto de saber, na minha hora de bom ou mau, na de digno ou indigno, nobre ou ignóbil, bravo ou covarde, veraz ou mentiroso, audaz ou fugitivo, circunspecto ou leviano, puro ou imundo, arrogante ou humilde, saudável ou doente – quem sou eu. [...]

Uma família como as outras, só que antiga. Dentro dela eu posso dizer que não valho nada, mas dizê-lo com a vingadora compensação que também se dava Choulette, no capítulo XIX do *Le lys rouge* – quando se julgava e julgava seus contemporâneos. Pois é... Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais... (NAVA, 1972, p. 186-187).

Em 108 páginas, no Capítulo III – “Paraibuna, o memorialista reconstitui a vida dos avós maternos e a de seus pais, em Juiz de Fora. Trata do casamento (1902) de Diva Jaguaribe com o médico José Nava e as experiências do casal em Juiz de Fora, onde seu pai teve ativa vida profissional. Aqui, Nava reconta a vida estudantil do pai, no Rio, e os 8 anos, como médico, em Juiz de Fora. Registra a organização da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF), fundada em 1889, e a atuação de José Nava nessa Sociedade. Sobre a participação de seu pai na cidade, afirma:

Mas o principal serviço prestado por meu Pai a Juiz de Fora foi ter erradicado dali a febre-amarela, introduzindo as medidas preconizadas pela Teoria Havanesa, como ele próprio disse em correspondência enviada ao *Brasil-Médico*, a 14 de abril de 1903 (NAVA, 1972, p. 292).

Em 1910, José Nava transferiu-se para o Rio de Janeiro, então capital federal, onde, por concurso, ingressou no Serviço Público como médico legista e sanitarista. Sobre essa transferência, Nava (1972, p. 296-297) assim se expressa:

Foi quando nos mudamos para cá. Farto da sogra, farto de fazer oposição, farto do Antônio Carlos, das picuinhas e perseguições miúdas da situação municipal, meu Pai resolvera afinal vir para o Rio com mulher grávida e três filhos. Para a Rua Aristides Lobo, nº. 106. Vinha fazer concurso para legista e sanitarista.

O Capítulo IV – “Rio Comprido” – é composto por 93 páginas – testemunhos do memorialista (1910-1911), menino de 7 e 8 anos. O convívio com a família paterna e as relações profissionais e sociais dos pais são destacados. José Nava faleceu aos 35 anos, em 1911, em decorrência de doença contagiosa adquirida no trabalho. Nava reconstituiu a doença e

a agonia paterna em detalhes, citando nomes de médicos, remédios. Nava, na penúltima página de **Baú de ossos**, retomando os seus 8 anos, escreveu: “Não sei se sofri na hora. Mas sei que venho sofrendo destas horas, a vida inteira” (NAVA, 1972, p. 390).

Buscamos pontuar a riqueza de informações encontradas nas memórias de Pedro Nava. Com isso, percebemos que a obra memorialística naveana é também documento para as pesquisas sobre as questões que envolvem a saúde na sociedade brasileira. Em **Baú de ossos**: memórias são encontrados textos sobre a presença de práticas de curas diversas em confronto com a medicina científica, que buscava sua hegemonia. Nava, ao reconstituir sua trajetória como acadêmico e médico em **Chão de ferro**, **Beira-mar**, **Galo das trevas** e **O círio perfeito**, contribui para os estudos sobre a organização da medicina ocidental e seus aspectos visíveis na sociedade brasileira. Em **Chão de ferro** e **Beira-mar**, deu sua contribuição com textos documentais sobre o ensino médico do período, costumes e inquietações intelectuais de sua geração (VALE, 2009).

Pedro Nava foi um “modernista”, como outros intelectuais de sua geração. Na década de 1920, questionou o sentido de “ser moderno” no papel de construir uma nação e se inserir no mundo. Essas questões tiveram várias respostas que se conciliaram ou se hostilizaram no governo Vargas. As propostas modernistas de crença na ciência e a consciência de uma missão salvadora e educadora são visíveis na medicina do período, perpassam as observações de Nava (**Galo das trevas** e **O círio perfeito**) e estavam presentes em sua geração.

Para escrever a biografia de Pedro Nava, foram feitas pesquisas em seus arquivos e em seus livros de memórias e, nesses documentos, deparamo-nos com o mesmo procedimento de um apaixonado pelos estudos de anatomia. A geração de Nava formou-se quando o raio X estava em seus primórdios. O estudo de anatomia, feito por meio de dissecação de cadáveres, busca o conhecimento entre as várias partes do corpo. Assim, a partir de seus arquivos, Nava foi juntando partes a fim de escrever as memórias.

Artigo recebido em: 02/05/2011
Aceito para publicação: 02/10/2011

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. Baú de surpresas. In: NAVA, Pedro. **Baú de ossos: memórias**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972, p. 6.

ARQUIVO Museu da Literatura Brasileira (AMLB). **Pastas Pedro Nava** (PN 015, PN 024, PN 422, PN 1153, PN DV53).

CHALHOUBE, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.). **A História contada: capítulos de história da literatura no Brasil**. São Paulo: Nova Fronteira, 1998. p. 7.

HALBWACCS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWN, Eric. Da história social à história da sociedade. In: _____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 83-105.

HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio: Aeroplano, 2000.

MARTINS, Franklin. **O Manifesto dos Mineiros**. Disponível em: <http://www.franklinmartins.com.br/estacao_historia>. Acesso em: 10 abr. 2011.

NAVA, Pedro. **Território de Epidauro**. Rio de Janeiro: C. Mendes Junior, 1947.

_____. **Capítulos da história da medicina no Brasil**. Rio de Janeiro: Brasil Médico-Cirúrgico, 1949.

_____. **Baú de ossos: memórias**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

_____. **Balão cativo: memórias 2**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. Entrevista concedida à Revista **Veja**, em 17 de abril de 1974.

_____. **Chão de ferro: memórias 3**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. **Beira-Mar: memórias 4.** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

_____. **Galo das trevas: memórias 5.** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

_____. **O círio perfeito: memórias 6.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

VALE, Vanda Arantes. **Pedro Nava – cronista de uma época: Medicina e sociedade brasileira (1890-1940).** Belo Horizonte: FAFICH/PPGH, 2009. Tese de doutorado. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

VASCONCELLOS, Eliane. De bissexto a contumaz, o arquivo pessoal de Pedro Nava. In: _____ (Org.) **Arquivo Museu de Literatura Brasileira Inventário do Arquivo Pedro Nava.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2001. p. 9-32.

VENTURA, Zuenir. **Minha história dos outros.** São Paulo: Planeta, 2004.

WITKOWSKI, Ariane. Pedro Nava ou a renovação da autobiografia no Brasil. In: **Leitura – Especial Nava.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000, p. 16 -21.